

Neste retrato, uma mulher olha fixamente para a objetiva.
É estonteante, com maçãs do rosto altas, lábios grossos e olhos tão escuros que são quase pretos.
A luz ilumina-lhe a testa e a ponte do nariz e o lado direito do rosto está na sombra.
Tem um cocar elaborado na cabeça.
Em ambos os lados da cabeça, junto aos olhos, há enfeites redondos que se assemelham a câmaras, com luzes vermelhas circulares ao centro, centradas em quem vê.
Os enfeites estão ligados por algo que se assemelha a fios, que quase parecem caules de plantas.
No topo da sua cabeça estão agrupadas formas ovais pálidas e musgosas. Têm o aspeto de botões de flores, ou até cogumelos.
Tem vestida uma blusa de cor clara com uma gola alta.
Parece que tem musgo e relva a crescer do próprio vestido.
Esta figura estranha, uma combinação simbiótica do tecnológico e do natural, está diante de um fundo preto.
O meu nome é Heidi Rondak e sou fotógrafa de moda.
E embora esta imagem possa parecer uma fotografia, e até se parece uma das minhas obras, na verdade não é.
Não havia câmara, nem estúdio, e a modelo ao centro não existe.
Isto é porque gerei esta imagem com inteligência artificial, ou IA, em janeiro de 2024.
Através de software de IA generativa, é possível criar imagens como esta ao utilizar comandos escritos.
Para criar uma fotografia num destes programas, basta iniciar o comando com a palavra "Imagina".
Como a imagem sugere, é um convite à criação de uma imagem que representa um mundo ou futuro que ainda não existe.
Tento utilizar o comando de forma a criar imagens de um futuro com todas as esperanças e sonhos técnicos, ambientais e sociais, combinando-os numa única imagem.
A IA generativa aprende com o que já existe.
E estes programas são inspirados por uma grande coleção de conteúdo e informação que já existe, desde a ficção científica aos filmes, livros e muito mais.
Consequentemente, o potencial daquilo que já podem produzir é praticamente ilimitado.
A criação de imagens como esta demonstra o quão poderosa e atrativa é a IA.
Mas o advento desta tecnologia também levanta questões e desafios.
Um deles é que nos força a reconsiderar a criatividade, o que significa, e como a utilizamos para nos exprimirmos.
A essência da criatividade está na nossa capacidade de combinar conceitos existentes de formas diferentes.
É assim que imaginamos algo novo, ao juntar ideias e elementos que já conhecemos para criar algo visionário, algo diferente.
Dependendo da perspetiva, a IA pode ser uma ameaça à criatividade humana, ou pode melhorá-la.
Apesar de o programa que usei se focar na criação de visuais, a IA generativa também nos faz questionar as palavras que utilizamos.
Isto porque usamos a nossa linguagem escrita para dar vida a uma imagem.

É fascinante, porque desafia o nosso entendimento e aplicação de palavras, especialmente quando o visual gerado pela IA não produz a imagem que tínhamos em mente.

Os significados das palavras podem variar imenso, pois dependem de definições individuais, o contexto em que são usadas e inúmeros outros fatores.

É frequente os programas de IA compreenderem as palavras muito literalmente, forçando-nos a mudar perspectivas e a adaptarmo-nos à aprendizagem da máquina.

A velocidade à qual a IA tem sido desenvolvida e implementada por todo o lado tem deixado algumas pessoas preocupadas acerca dos seus futuros, mas eu permaneço otimista.

Esta imagem é um exemplo dessa perspectiva otimista.

Mostra como a natureza fará sempre parte da identidade humana, mesmo quando o papel da tecnologia aumenta nas nossas vidas.

A tecnologia nesta imagem não é intrusiva, está interligada no tecido de quem ela é, e os elementos naturais coexistem de forma feliz.

Talvez a parte mais incomum da imagem sejam os enfeites que usa nas laterais da cabeça.

Parecem câmaras com forma de olho, observantes em ambos os lados da face simétrica.

No entanto, a sua expressão confiante e empoderada sugere que não são uma obstrução, mas fazem parte de si.

As lentes futuristas estão a olhar para o observador, sugerindo uma intenção desconhecida na sua existência.

Pode parecer que a tecnologia nos está a observar, não necessariamente de forma ameaçadora, mas talvez para aprender connosco, talvez para melhorar as nossas vidas.

A imagem é uma intersecção de perspectivas, algo que os fotógrafos adoram fazer.

Talvez um dia as câmaras sejam usadas como acessórios ou fixadas ao corpo para ajudar a melhorar as nossas capacidades limitadas de visão.

Independentemente de o que nos espera, enquanto fotógrafa, não me imagino a viver sem a minha câmara.

E independentemente do alcance da IA, nunca será capaz de a substituir.

A câmara não nos pede para imaginar, porque não precisa.

Capta o que já lá está, o que é real e tangível.

No meu trabalho, gosto de fazer experiências com o potencial da IA, porque acredito que o pode melhorar.

Posso utilizar a tecnologia como um bloco de construção ou para melhorar imagens existentes.

E embora a fotografia não vá ser substituída pelas imagens geradas por IA, pode inspirar-nos a forçar ainda mais os limites das imagens.

Como a maioria das ferramentas, trata-se daquilo que fazemos com elas.

A IA pode facilitar o processo criativo de gerar conceitos, bem como assegurar as intenções criativas, se não as melhorar através de uma visualização antecipada.

Por vezes, sonho com as sessões fotográficas que ainda não fiz.

É aí que recorro à IA para criar uma visão dessas sessões.

Ajuda-me a imaginar uma realidade que ainda não aconteceu.

Ajuda-me a imaginar o futuro.